

**AVERSÃO PURITANA AO DIVERTIMENTO: UMA ANÁLISE DOS
DIVERTIMENTOS E AS TENTATIVAS DE REFORMA DA CULTURA
POPULAR EUROPEIA MEDIEVAL**

Recebido em: 19/08/2017

Aceito em: 16/05/2018

Quéfren Weld Cardozo Nogueira
Universidade Federal de Sergipe
Aracajú – SE – Brasil

RESUMO: O presente artigo descreve e analisa as recreações populares medievais e o modo como estas passaram por um processo de reforma para a constituição de uma nova moralidade dos costumes. São analisadas como diversas práticas começam a entrar em decadência a partir do modo com o clero, a nobreza e burguesia começam a coloca-las em suspeita. Particularmente, é analisada a influência do movimento puritano, na direção de uma nova ética pautada no trabalho e com fins racionais.

PALAVRAS CHAVE: Recreação. Atividades de Lazer. Cultura Popular.

**PURITANE AVERSION TO FUN: AN ANALYSIS OF THE FUN AND THE
REFORMING TRIES OF MEDIEVAL EUROPEAN PEOPLE'S CULTURE**

ABSTRACT: This article describes and analyses the popular medieval recreations and how they went through a process of reform for the constitution of a new morality of customs. They are analysed how diverse practices begin to fall into decadence from the way the clergy, the nobility and bourgeoisie begin to put them in suspicion. In particular, the influence of the Puritan movement is analysed, in the direction of a new ethics based on work and with rational goals.

KEYWORDS: Recreation. Leisure Activities. Popular Culture.

Introdução

O presente trabalho possui o objetivo de compreender as recreações populares no contexto da Europa medieval e as conseguintes tentativas de reforma dos divertimentos. Ao olharmos para a questão dos divertimentos populares, nos deparamos no começo da Europa moderna com uma nova atitude de certos grupos sociais com relação às recreações do povo. Fomentados por um conjunto de mudanças de longo prazo que varreram a Europa pré-industrial, o clero, a nobreza, os comerciantes e os

profissionais liberais gradativamente deixaram de participar de algumas festividades da cultura popular.

Segundo Burke (2010), no início do século XVI, oitenta por cento da população europeia viva no campo; era regida por ordens da igreja oficial, acuada pelas dívidas com os senhores donos de terra e envoltos em uma fraca proteção fornecida pelo governo. Nesse contexto, uma nova moralidade em ebulição fez surgir um movimento em que, enquanto alguns divertimentos caíram em decadência, outros se expandiram. No final do século XVI e início do XVII houve ações para reformar a cultura popular, em uma “tentativa sistemática por parte de algumas pessoas cultas de modificar as atitudes e valores do restante da população ou, como costumam dizer os vitorianos, aperfeiçoá-los”. (BURKE, 2010, p. 280).

Diante de tal cenário, aceitamos o convite de Burke (2010) para adentrarmos na cultura popular europeia entre os séculos de 1500-1800, deixando de lado a televisão, as estradas de ferro, a alfabetização escolar, a consciência de classe e o nacionalismo, e encontrarmos na Europa Medieval as festas públicas, principalmente nas praças, onde a cultura popular mostrava todo o seu vigor.

De acordo com Burke (2010), havia uma estratificação entre uma grande tradição, transmitida nas escolas e universidades - tradição escolástica e teológica medievais, os movimentos do Iluminismo, Renascença e Revolução Científica do século XVII – e uma pequena tradição, transmitida principalmente de forma oral, manifesta na cultura popular presente nas “canções de contos populares, imagens devotas e arcas de enxoval decoradas, farsas e pelas de mistérios, folhetos e livros de baladas, e principalmente festividades, como as festas de santos e as grandes festas sazonais.”. (BURKE, 2010, p. 50).

Segundo Bakhtin (2013), a linguagem popular à época do Renascimento representava a oposição primordial entre o Carnaval e a Quaresma, defrontando um mundo institucionalmente desordenado com uma cultura oficial rígida e secularizada. As festividades populares rompiam com a seriedade eclesiástica, conduzindo para a inversão das relações sociais – situação deixava alguns nobres e religiosos notadamente constrangidos. A festa medieval se libertava do dogmatismo religioso na linguagem carnavalesca dos bufões, tolos e palhaços, gigantes e anões. O contraste com normas de etiqueta e decência criou nos divertimentos uma espécie de libertação temporária da verdade dominante. A festa sucumbia categorias como redenção e pecado, ao mesmo tempo em que deslegitimava o tom sério como a única forma de expressar a verdade. A presença de imagens cômicas que exaltavam o baixo corporal, o abaixo da cintura (o falo, as tripas e as fezes) denotavam o teor cômico da subversão. A comida e o banquete, o sexo, a violência, a destruição e a agressão subordinavam o dogmatismo religioso às oportunidades de se divertir.

A cultura popular na Idade Média por meio da linguagem de François Rabelais (1494-1553) representa uma visão cômica do mundo, encontrada em sua plenitude nas festas populares e no Carnaval. Diante de um realismo grotesco, o rebaixamento para o plano material e corporal ironizava com imagens contraditórias uma vida ordenada, estabelecida e perfeita (BAKHTIN, 2013). O livro *Gargantua* é dedicado aos ilustríssimos bebedores de uma história escrita para provocar riso e diversão (RABELAIS, 1986, p. 40):

Caros leitores, que este livro vedes,
Libertai-vos de toda prevenção;
E não vós melindreis, ó vós que o ledes,
Que nenhum mal contém, nem perversão.
É verdade que pouca perfeição,
Salvo no riso, aqui podeis obter:
Outra coisa não posso oferecer,
Ao ver as aflições que nos consomem;

Antes risos que prantos descrever,
Sendo certo que rir é próprio do homem.
VIVEI ALEGRES.

De acordo com Weber (2004), nesse mesmo período, os puritanos desconfiavam dos elementos sensoriais e emocionais que não servissem exclusivamente para a glória de Deus ou que não possuísem valor religioso imediato. O modo de conduta exemplar só seria conseguido por uma atitude ascética, pautada na racionalização metódica da conduta que desprezasse tudo aquilo que lembrasse futilidades, perda de tempo e vã ostentação. Sendo o trabalho umas das principais técnicas de conduta ascética, os puritanos receavam tudo aquilo que fosse de cunho supersticioso, inclusive as festividades natalinas, as apresentações teatrais ou tudo ligado aos prazeres da carne e ao erotismo. Com um projeto de aspirações políticas, os puritanos eram vigilantes morais da vida cotidiana, se esforçando em reconstruir as instituições políticas e públicas, a vida nas cidades e a ordem econômica e social.

Adentramos assim na cultura popular europeia medieval com o intuito singular de identificar e compreender as recreações e divertimentos e o modo como a cultura do povo se tornou alvo de reforma, particularmente pela necessidade de um propósito racional ligado ao trabalho e à disciplina, contrário aos desfrutes banais, funestos e ociosos.

Metodologia

O presente trabalho de cunho bibliográfico executa uma análise temática e interpretativa (MEDEIROS, 2010) dos divertimentos medievais, partindo da leitura e estudo de duas obras de referência: “Cultura popular na Idade Média”, de Peter Burke (BURKE, 2010) e “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, de Mikhail Bakhtin (BAKHTIN, 2013). As duas obras são pontos

de partida para uma análise da cultura popular e do modo como esta foi alvo de reformas para constituição de uma nova moralidade dos costumes. Ao final de nossa visita nos deparamos com a análise weberiana sobre a racionalização metódica das condutas como um princípio fundamental para a decadência de algumas formas de divertimento, como também de uma posterior manutenção e revigoramento de outros.

As publicações citadas abrem caminhos por onde adentramos e encontramos outras obras de peculiar importância descritiva e analítica dos divertimentos populares. A bibliografia aqui utilizada é fruto do trabalho de pesquisadores que se debruçaram sobre seus objetos de pesquisa com erudição, sendo reconhecidos como referências para qualquer estudo desta temática. Toda a análise presente neste texto foi construída de modo que cheguemos ao ponto de compreender como a reforma da cultura popular convergiu para mudanças que fertilizaram um campo para o surgimento do esporte com características modernas.

Festas e Divertimentos

Na diversidade de manifestações da cultura popular, toda a Cristandade europeia no início da idade moderna compartilhava um conjunto de valores organizados em torno de uma vida cômica e carnavalesca, contrária a outra séria e sisuda (BAKTHIN, 2013; BURKE, 2010). Adentramos em um mundo no qual o Cristianismo conseguiu criar um conjunto de valores e costumes, compartilhados por uma vasta região compreendida no conjunto da Europa, da Noruega, à Sicília, da Irlanda aos Montes Urais, na Rússia (BURKE, 2010).

Com toda essa extensão há de se supor que havia diferenças entre as manifestações da cultura popular europeia medieval. Segundo Burke (2010), dentro de uma unidade singular, haviam as variações religiosas entre protestantes e católicos,

como também entre judeus, mouros e muçulmanos; havia a cultura dos camponeses das montanhas e das planícies; dos artesãos da aldeia, dos ferreiros, mineiros, carpinteiros ou tecelões, e ainda dos lenhadores e carvoeiros. Havia também os grupos das cidades com os ofícios de carpintaria, alfaiataria e tecelagem, além dos aprendizes de todos esses trabalhos que constituíam certa cultura jovem e escolar. Enfim, tínhamos os soldados, marinheiros mendigos e ladrões que não eram nem urbanos nem rurais, mas andarilhos. Diante destas diferenças, algo em comum se destacava: todos possuíam suas formas específicas de folclore magia, arte, danças e ritmos de trabalho e lazer. As festas podiam ser diferentes, mas todos possuíam uma forma de festejar; cada um possuía um santo, mas nenhum deles não tinha santo algum.

Burke (2010) destaca que mesmo a grande tradição sendo uma tradição fechada, transmitida de maneira formal, existiam as interações desta com a cultura popular. Na arte popular, as propriedades dos camponeses ingleses do século XVI foram construídas no estilo da fidalguia e as danças do campesinato agradavam muito os nobres. A elite tinha acesso à cultura popular, mas o povo possuía pouco contato com a grande tradição, pelo fato destas serem transmitidas de maneira diferente: a pequena tradição ensinava-se nas festividades, enquanto a tradição das elites aprendia-se nos liceus e universidades. Os nobres também estavam presentes nas apresentações de rua e nas festas de Carnaval; participavam das touradas e frequentavam bares e tavernas. Os sermões eram assistidos por nobres e plebeus; canções populares eram anotadas em livros de importantes pessoas da nobreza e, na corte, o palhaço era uma figura importante para a diversão dos convidados. “Ivã, o Terrível”, como observou um visitante inglês, adorava “bufões e anões, homens e mulheres que fazem cambalhotas à sua frente e cantam muitas canções à maneira russa.”. (BURKE, 2010, p. 52).

Seguindo a descrição e análise feitas pela pesquisa bibliográfica empreendida por este trabalho, as estalagens e tavernas inglesas, eram locais para jogos de cartas ou gamão e rinhas de galo. Nestes estabelecimentos eram apresentadas peças teatrais e, durante a reforma, tornaram-se também importantes locais para divulgação de boatos e críticas contra as autoridades. Nos países mediterrâneos, a praça do mercado durante as feiras era um importante ponto de encontro dos jovens universitários – lembrando que as universidades serviam para formação de uma classe mais instruída de clérigos. Nas festas públicas haviam locais exclusivos para os nobres receberem seus convidados e se divertirem assistindo uma execução pública. Nas festividades formava-se uma cena de pomposa confusão, com banquetes, bebidas, música, dança, canto, saltos acrobáticos e bufonarias. As comemorações e festas mais refinadas e elaboradas das cortes eram animadas por menestréis, mímicos, músicos, malabaristas e acrobatas.

As Justas e Torneios eram exclusivos para os nobres e realizados para comemorar casamentos reais, coroações ou qualquer outra ocasião que permitisse a nobreza exibir sua pompa e seu glamour. Justas e Torneios eram atividades de preparação dos cavaleiros para as Cruzadas; depois se tornaram um evento comemorativo ligado à nobreza. A Cavalaria se tornou um ideal expresso nas atitudes dos cavaleiros; eles são “uma nobreza dentro da nobreza” (RAMOS, 1982, p. 166).

Os desfiles de opulência e luxo eram sinônimos de respeitabilidade, refinamento e poder. Realizados quando do retorno de um monarca do estrangeiro ou da visita de um soberano de outra corte, havia a apresentação de peças teatrais nos palácios – *Macbeth* foi apressadamente terminada para ser encenada quando da visita do Rei Guilherme IV da Dinamarca à corte do Rei James I, da Inglaterra, por volta de 1606 (HELIODORA, 2016). Segundo Bakhtin (2013), as festividades carnavalescas começavam em janeiro ou nos finais de dezembro, crescendo com o aproximar da quaresma. As principais ruas

e praças se transformavam em um grande palco e um teatro sem paredes. Homens vestiam-se de mulheres e mulheres de homens; fantasias com narigões e máscaras adereçavam trajes populares de padre, diabo, bobos e animais selvagens como o urso. Papéis teatrais eram representados, as pessoas atiravam farinha umas nas outras, animais eram balançados de um lado para outro, trocavam-se insultos e imprecações na dinâmica do elogio-injúria.

Seria necessário um trabalho específico sobre a questão da crueldade com os animais. De qualquer forma, na Holanda, descreve Zumthor (1989), havia jogos como o tiro ao ganso, o corta a ave e o jogo de gato. No primeiro, uma fêmea viva de ganso com o pescoço untado de gordura era pendurada em uma corda esticada, com os jovens passando em velocidade por debaixo do animal, tentando retirá-la, agarrando-a pela cabeça – o jogo também poderia ser feito em um canal com os participantes seminus, em pé na polpa. No segundo jogo, com os olhos vendados, os participantes deviam cortar o pescoço de um pato ou um galo cego. Já no último, um gato era fechado em um tonel, pendurado em uma corda sob dois pilares. Os jogadores deviam atirar um porrete até o gato ferido cair, e receber ainda mais porretadas sobre ele. “Esse exercício repugnante gozava de tanto prestígio que no final do século as pessoas educadas, por uma questão de elegância, substituíam o gato por um pavão!”. (ZUMTHOR, 1989, p. 201).

Nas feiras, com roupas festivas, incomuns e multicoloridas, os cantores de baladas, apresentadores de ursos amestrados, bufões, charlatães, palhaços, comediantes, esgrimistas, bobos, prestidigitadores, malabaristas, truões, menestréis, saltimbancos, tocadores, tinteiros, curandeiros, dançarinos, equilibristas, apresentadores de espetáculos, tira-dentes e acrobatas (BURKE, 2010) compunham juntamente com os artistas amadores ou semiprofissionais, com os viajantes andarilhos, muitos deles

mendigos, cantores em decadência e artistas-vagabundos, aqueles que proporcionavam divertimento em qualquer época ano. Em uma pintura do corpo ginástico na Europa pré-moderna encontramos:

Equilibristas, funâmbulos, volatins, palhaços, bailarinas, contorcionistas, anões, personagens que chegam e partem, transitórias, nômades. Qual era o seu lugar? O seu lugar era o mundo inteiro conhecido e, principalmente, imaginado. Era sempre o lugar onde houvesse gente que se dispusesse a rir, a aplaudir, a se embevecer com as peripécias do corpo, de um corpo ágil, alegre, cheio de vida porque expressão de liberdade e, sobretudo, resistente às regras e normas. Estes artistas viviam na contramão, fora da ideia de utilidade das ações (SOARES, 1998, p. 24).

Outras comemorações realizavam-se em dias santos e em datas especiais da Igreja. As apresentações carnavalescas próximas ao fim da Quaresma compunham-se comumente de desfiles de carros alegóricos, algum tipo de competição no ringue, corridas de cavalo ou a pé; haviam peças na forma de farsas da vida religiosa, dos casamentos, ou de outro aspecto do cotidiano. Nas cidades, as festas eram muito mais intensas do que no campo: como haviam feiras todos os dias, todos os dias haviam profissionais disponíveis para aqueles que quisessem se divertir. Segundo Huberman (1985), os saltimbancos divertiam o povo nas feiras; antes planejadas para acontecerem duas vezes ao ano, duravam na verdade todo o ano, pois as feiras acabavam e começavam uma após da outra, com os comerciantes indo de feira em feira.

As igrejas eram um importante centro cultural para celebrações laicas, mesmo com objeções de católicos e protestantes, por acusarem muitas destas práticas de possuírem resquícios de atividades pagãs e de profanarem símbolos sagrados. Na Festa dos Loucos - celebrada pelos estudantes no dia de São Estevão, Ano-Novo, no dia dos Inocentes e na Trindade de São João – usava-se máscaras e fantasias, com o altar servindo para glotoneria e embriaguez. Os fiéis na Festa do Asno respondiam em cada parte da missa com um sonoro “Him-Ham”; na benção final os presentes zurravam três

vezes ao invés de dizerem “Amém”. Na Festa dos Bobos, um bispo ou abade era eleito como bobo, homens trajavam-se como mulheres, usava-se máscaras, jogava-se cartas, comia-se muita salsicha e maldizia-se ao invés de abençoar. Na Festa dos Inocentes, no período de 12 dias de Natal, as crianças exerciam as atividades sacerdotais e clericais típicas de uma missa. Após o ofício solene da Festa dos loucos, os padres percorriam as ruas de charrete, jogando excremento sobre o povo em diversão (BAKTHIN, 2013; MINOIS, 2003).

Além disso, nossa sensibilidade atual tende a ver os rituais de execução e tortura como expressões de uma violência brutal, causando-nos espanto e admiração. A pena por causa de um condenado só pôde surgir com o aumento da nossa sensibilidade com relação à violência, diria Elias; Dunning (1992). As punições em praça pública, como enforcamentos ou açoites - também faziam parte desse conjunto de manifestações em que a cultura popular podia se apresentar em toda a sua plenitude.

O espetáculo do Suplício

As predisposições para a violência e para a crueldade eram cenas típicas da cultura popular medieval. Foucault (1987), por exemplo, descreve todo o aparato realizado em torno da execução em praça pública. O suplício do condenado estava ali não para ser medido, mas apreciado, podendo ser uma execução sumária como uma decapitação, enforcamento, ou queima na fogueira. O suplício deve ser suficiente para marcar na memória da população a lembrança do sofrimento do condenado. Toda uma economia de poder era exercida sob o excesso do suplício, constatada no tempo da agonia e na intensidade do sofrimento. Os gritos e gemidos do condenado eram peças que compunham a glória da punição, não constituindo algo vergonhoso, mas parte do próprio cerimonial.

Segundo Foucault (1987), as execuções públicas de criminosos eram uma encenação teatral cuidadosamente organizada pelas autoridades para provar que o crime não compensa. Amarrado e com cordas no pescoço, o condenado desfilava em cortejo em direção ao cadafalso, onde clérigos já aguardavam para prosseguir com a execução da pena. O corpo do condenado poderia ser estripado e esquartejado, sua cabeça exibida na porta das cidades, com vendas de baladas sobre seus últimos atos. Caso o condenado fugisse, poderia haver uma execução simbólica; sendo padres, havia primeiro sua degradação e secularização. Outras formas de punição como o açoitamento atrás da carroça, ou exibições como colocar um condenado de costas sob um burro, eram maneiras mais brandas de punir, e também oportunidades para que o povo pudesse atirar lama e pedras no condenado, tentar capturá-lo ou zombar das autoridades. Para completar tal disposição em fazer do sofrimento uma apresentação teatral, os suplícios se prolongavam depois da morte: “cadáveres queimados, cinzas jogadas ao vento, corpos arrastados na grade, expostos à beira das estradas. A justiça persegue o corpo além de qualquer sofrimento possível”. (FOUCAULT, 1987, p. 32).

Em *O Corcunda de Notre-Dame*, Quasímodo algemado e amarrado, conduzido por uma forte escolta, foi acusado de desordem noturna, rebelião e deslealdade, e de atitudes desonestas com uma rapariga. A multidão em busca de diversão lotou a Praça da Gréve, onde poderia ocorrer uma execução, um enforcamento, um açoitamento ou um desorelhamento. O interrogatório do corcunda foi conduzido por um juiz surdo frente a outro, o sentenciado, surdo também, em um caso único em que um surdo interroga outro. O diálogo entre os dois no tribunal de justiça provocou gargalhadas que fizeram com que uma gargalhada da multidão surgisse de forma “[...] tão violenta, tão louca, tão contagiosa, tão universal, que foram forçados os dois surdos a percebê-la” (HUGO, 2006, p. 186).

Uma explosão de alegria provocou uma vontade louca de rir. A multidão causou uma algazarra ainda maior quando reconheceu Quasímodo atado, de joelhos, com as mãos atrás das costas, no mesmo local onde no dia anterior fora aclamado como papa e príncipe dos loucos. “A multidão ria doidamente quando viu nua a corcova de Quasímodo, o seu peito de camelo e os seus ombros calosos e cabeludos” (HUGO, 2006, p. 212). O assombro causado pela fisionomia disforme debandou-se em gargalhadas, em injúrias e imprecações. O corcunda mortificado se contorcia de dor pelos açoites que rasgavam sua pele e faziam escorrer tiras de sangue atiradas na multidão pela velocidade das correias do chicote do carrasco. Extenuado e assombrando, com seu único olho agora fechado, Quasímodo pareceu morto, o que aumentou a expectativa da multidão.

O tempo ia decorrendo. Estava ali mais de hora e meia, pelo menos, mortificado, maltratado, apupado, quase apedrejado. De repente, mexeu-se de novo nas suas cadeias com tal desespero que fez tremer todo o madeiramento a que estava amarrado e, quebrando o silêncio que até então tinha guardado tão obstinadamente, gritou com voz rouca e furiosa que se assemelhava mais a um rugido do que a um grito humano e que dominou o ruído dos apupos: --Tenho sede! Esta exclamação de desgraça, longe de motivar a compaixão, serviu para aumentar o divertimento do bom populacho parisiense que rodeava a escada, e que, forçoso é dizê-lo, em massa e como a multidão, não era então menos cruel e embrutecido do que a horrível tribo de vagabundos entre a qual já levamos o leitor, e que era muito simplesmente a camada mais inferior do povo (HUGO, 2006, p. 217).

Na primeira vez que Quasímodo disse que estava com sede, um homem lhe entregou uma esponja com lama; na segunda vez, uma mulher lançou uma pedra; somente na terceira vez surgiu uma cigana com uma cabaça e deu ao corcunda o que beber. “Então, nesse olho aí tão seco e tão queimado, viu-se bailar uma grossa lágrima que caiu lentamente ao longo desse rosto disforme e por tanto tempo contraído pelo desespero. Era talvez a primeira que o desventurado derramava.” (HUGO, 2006, p. 218).

O jogo é uma Festa

Os episódios e figuras da festa popular são para Bakthin (2013) propulsores de um tempo alegre, em que os jogos também participavam do sentido carnavalesco da festa. Os jogos possuíam uma relação com o tempo, cartas e dados eram utilizados para prever o futuro. O destino e o poder entravam na vida e no processo de composição da felicidade-infelicidade, ascensão e queda, perda e aquisição, como na vida em miniatura encenada e prevista nas batalhas de xadrez. O jogo não poderia fugir dos elementos presentes na festa popular. Violência, sexo e comida expressavam seu potencial também nos jogos realizados nas festividades. “Isso vale não apenas para as cartas, dados e xadrez, mais igualmente para todos os outros jogos, inclusive os esportivos (boliche e pelota) e infantis” (BAKTHIN, 2013, p. 204).

Situar como o jogo se livrava das regras e convenções e como esses se tornaram alvo de reformas é uma tarefa complexa e de difícil discernimento, e também aquela que mais nos interessa. Podemos trabalhar com obras de referência, capazes de auxiliar na definição, classificação e descrição de jogos presentes no cômico ambiente da festa popular e dos divertimentos da nobreza. Ariès (1981) cita o cavalo de pau, cata-vento e o peão como habituais brinquedos de crianças, inclusive de Luiz XIII, da França. O monarca aos quatro ou cinco anos tocava instrumentos, cantava e dançava, praticava jogos de adultos como os de raquete e os inúmeros jogos de salão. Depois dos três ou quatro anos a criança participava dos mesmos jogos dos adultos e, inversamente, os adultos também participavam dos jogos das crianças.

Segundo Bakthin (2013), a maioria das festas atraía toda a coletividade, mas existia o monopólio dos jovens em algumas, como as rinhas de galo na Terça-feira-Gorda ou jogos de bola, também realizados no Natal. As festas eram intensamente

teatrais, com atividades programadas para os participantes exercerem determinados papéis. Em algumas dessas festas crianças e jovens faziam um papel secundário, em outras eram os protagonistas e executavam os papéis mais ativos. A Terça-feira Gorda era uma festa dos meninos escolares e da juventude, começando com brigas de galo na parte da manhã e continuando a tarde com um jogo de bola opondo duas paróquias ou dois grupos de uma cidade. Os mais variados jogos de baralho, as predições, adivinhações e augúrios, distinguiam-se dos jogos esportivos como os de boliche e muitos outros jogos infantis.

Os jogos de bola é um jogo que se costuma realizar no Natal entre os companheiros de localidade de Cairac, em Auvergne (e em outros lugares também, é claro). Este jogo se diversifica de tal maneira que os homens casados ficam de um lado e os não casados de outro; eles levam a dita bola de um lugar para outro a fim de ganhar o prêmio, e quem joga melhor recebe o prêmio do dito dia (JUSSERAND, 1901 *apud* ARIÈS, 1981, p. 99).

O Capítulo XXII de *Gargantua* apresenta a lista de jogos do menino gigante glutão: na versão canônica de 1542 foram listados duzentos e dezessete jogos, sendo que em versões ampliadas ou modificadas esse número pode ser maior. “O interesse que Rabelais manifesta pelos jogos não é evidentemente fortuito; partilha-o com toda a sua época. Com efeito, os jogos estavam ligados por um sólido elo, não apenas exterior, mas ainda interior à parte popular e pública da festa.” (BAKTHIN, 2013, p. 201).

Alguns destes jogos exigiam habilidades físicas e manejo de armas, outros dispunham da sorte e eram sedentários. Os jogos possuíam dimensões condizentes com o sentido carnavalesco das festas, enquanto outros retomavam a imagem do cavaleiro medieval, apresentado como um herói-guerreiro, capaz de façanhas físicas e habilidades extraordinárias no manejo das armas. Segundo Burke (2010), o cavaleiro ideal era representado pelos governantes e conquistadores, possuidores de porte físico avantajado, postura e virtudes admiradas e imitadas. Os cavaleiros eram bravos,

corajosos e fortes, dispostos a guerrear para proteger seu povo e conquistar novos territórios, além de serem responsáveis pela definição de contendas. Corporalmente ágeis, os cavaleiros deviam ser belos, ter habilidade com a música e com a dança.

A Inglaterra do século XVI era a *Merry England* ou Inglaterra Feliz, quando a tristeza e a sobriedade não faziam parte da crença do povo. O livro *The Sport and pastime of people of England* (STRUTT, 1963) é citado por Burke (2010) como parte das publicações de intelectuais europeus do final do século XVIII e início do XIX, que descobriram que o povo e a cultura popular estavam se perdendo por mudanças na própria sociedade. Um jogo não indicado para as crianças era o *foot-ball*, uma espécie de *hand-ball* jogado com os pés. Praticado pela população em geral, o jogo não possui uma origem precisa e o registro mais antigo vem do período de Eduardo III, sendo proibido em 1349, não por causa do esporte em si, mas por impedir o progresso do tiro com arco-e-flecha. Os jogos de *hand-ball*, por sua vez, eram executados especialmente pelos nobres que gastavam altas somas de dinheiro em apostas. Já o *foot-ball*, praticado pelos trabalhadores, servos e aprendizes, gerava reclamações das autoridades religiosas por considerarem a atividade nociva ao ofício divino, sendo proibido para o povo até o reinado da Rainha Elizabeth - uma entusiasta dos jogos e divertimentos populares.

De acordo com Simon (1971), no verão britânico a Rainha Elizabeth procurava ares mais amenos nas áreas rurais, hospedando-se em suas propriedades do campo ou na casa de vassalos abastados que gastavam milhares de libras para recebê-la. Em viagens com extensa comitiva, a monarca seguia a cavalo ou em uma carruagem aberta, estendendo ela mesma a mão para o povo que se aglomerava às margens da estrada. “Nessas excursões campestres Elizabeth divertia-se diariamente com caçadas, espetáculos públicos, banquetes e jogos. Mas encontrava maior prazer ainda em

misturar-se com os agricultores e aldeões, cuja lealdade à Coroa tornou-se um inestimável patrimônio público.”. (SIMON, 1971, p. 96).

Já que a Rainha Elizabeth gostava das festas populares é bem provável que gostasse também do *foot-ball*. É bem provável ainda que a prática desse jogo tenha acontecido como uma comemoração não apenas de um dia, na Terça-feira de Carnaval, saindo assim do calendário tradicional e sendo praticado quando da passagem da Rainha. Por esta atitude da Rainha Elizabeth é provável que a prática desse jogo tenha se disseminado por todo o interior da Inglaterra.

Esse conjunto de manifestações da cultura popular a partir do século XVI começaram a passar por incisivas tentativas de reforma, com ataque incentivados por interesses políticos, econômicos e religiosos. Alguns jogos desapareceram, outros entraram em decadência, enquanto outros mais passaram por uma reinvenção para atender objetivos condizentes com mudanças sociais mais amplas.

Reforma da Cultura Popular

Na vida dos camponeses e artesãos no período aqui analisado, o trabalho era regido pelas estações do ano, a insegurança era geral, a violência constante e a vida era atormentada pelo assombro de um novo surto da peste. Boccaccio inicia sua jornada de cem contos situando a trágica doença que varreu a Europa com uma imagem “triste e aborrecida” de penosas lembranças. Em uma cidade tomada pela miséria, duas atitudes eram as mais comuns: algumas pessoas preferiam ficar em casa, eram moderadas e faziam uso de alimentação simples; outras se entornavam a beber e fazer imprecções, procurando diversões de todas as maneiras.

O divertimento simples ou exagerado eram estratégias para afugentar a peste. Alguns grupos procuravam conservar a própria saúde mantendo uma vida regrada,

enclausuradas em suas casas. Fugiam do luxo, não gostavam de ouvir sobre a morte, viviam com uma comida simples, com um bom vinho e alguma música. Outros grupos deixavam as suas casas e iam de um canto a outro, fugindo da cólera de Deus. Existiam aqueles que buscavam um meio termo entre a clausura e a diversão, fazendo tudo com moderação. Para os buscavam a diversão, Boccaccio descreve no seu Decamerão, como se dava essa possibilidade de enfrentar a peste:

Outras pessoas, levadas a uma opinião diversa desta, declaravam que, para tão imenso mal, era remédios eficazes o beber abundantemente, o gozar com intensidade, o ir cantando de uma parte a outra, o divertir-se de todas as maneiras, o satisfazer o apetite fôsse de que coisa fôsse, e o rir e troçar do que acontecesse, ou pudesse suceder. Como diziam, e assim procediam, do modo como lhe fôsse possível, dia e noite. Iam ora a uma tasca, ora a outra; bebiam imoderadamente e sem modos. E com mais desbragamento agiam na casa alheia, obrigando dos donos a escutar o que lhes desse na telha de dizer. E podiam agir assim sem grandes preocupações, porque cada um – quase como se não houvesse mais viver – já deixara ao léu as suas coisas, assim como deixara ao deus-dará a própria pessoa. Por isso, a maior parte das casas ficou sendo de moradia comum; utilizava-se delas o estranho, que as adentrasse, como delas teria feito uso o próprio dono. E, com êste proceder inteiramente bestial, as pessoas punham-se sempre longe dos doentes, tanto quanto possível (BOCCACCIO, 1971, p. 15).

A tentativa de conter o surto da peste fez com que diversas medidas fossem tomadas como isolar doentes e fechar casas infectadas. Havia preocupações com a conservação dos alimentos, o despejo de esterco e com o recolhimento do lixo. As ações do governo londrino proibiram qualquer tipo de concentração pública, como também a embriaguez e desordens nas tabernas e cervejarias: “Nenhuma pessoa ou grupo deve permanecer ou entrar para beber numa taverna, cervejaria ou cafeteria depois das nove da noite, conforme uma antiga lei e costume desta cidade, sob as penalidades por ela estipuladas.” (DEFOE, 2002, p. 61).

Os trabalhos de Peter Burke e de Mikail Bakthin – as obras de referência utilizadas nesse texto - são estudos vigorosos, mas estranha-se a ausência de alusões à Peste. Foucault (2016) ao discutir sobre o nascimento da medicina social relembra como

o tema da peste, ou do conjunto de doenças que receberam essa denominação – é um tema pouco investigado. Burke (2010) nos convida a abandonarmos a tecnologia e os valores atuais para construir um cenário que nos permita adentrar na cultura e valores da população; porém, nossa tentativa não poderia acontecer sem uma grande ressalva ou disposição para enfrentar o frio, as doenças, o medo, a insegurança, a dor e a fome. Havia um sentimento de descontentamento em um cenário de morte e destruição causado pela lástima de uma doença expansiva trazida do oriente pelos navios mercantes para condenar o povo crente em um Deus irado, prestes a condená-los ao fogo do inverno ou sujeitá-los a todos os males, como doenças e animais peçonhentos. Defoe (2002) descreve a cidade de Londres no começo de 1664 da seguinte maneira:

Se fosse possível representar exatamente aqueles tempos para aqueles que não o viram, dando ao leitor, a devida ideia do horror que se apresentavam em toda a parte, seria preciso criar imagens em suas mentes e enchê-las de pavor. Bem pode-se dizer que Londres estava em lágrimas. [...] Viam-se lágrimas e lamúrias em praticamente todas as casas, principalmente no início da epidemia, pois, quando se aproximou do fim, os corações dos homens estavam tão endurecidos e a morte era tão constante diante de seus olhos que já não se preocupavam tanto com a perda de seus amigos, esperando também que fossem chamados no dia seguinte (DEFOE, 2002, p. 29).

É nesse contexto de divertimentos e sofrimentos, de mudanças nas relações entre Igreja e Estado, e no advento de novas conformações econômicas que a cultura popular passa a ser gradativamente ser alvo de intervenções. Segundo Foucault (1987), o espetáculo do suplício como uma das oportunidades de carnavalizar o cotidiano foi gradativamente substituído por uma nova arte penal. O espetáculo da punição desapareceu para dar um lugar a um procedimento burocrático para aplicação da sanção e cumprimento da pena. O suplício perdeu gradativamente sua capacidade de coerção social e tornou-se um instrumento de revolta popular.

O povo poderia simpatizar com o condenado caso avaliasse a punição como injusta. O objetivo principal do ato de punir era uma instruir, mas acabou se tornando uma festa. Uma das principais inversões ocorreu quando o centro das atenções se voltaram para o condenado, transformando-o em herói. O condenado podia se mostrar arrependido, pedir perdão e aceitar seu veredicto ou suportar até o último momento o seu próprio suplício. “Já houve condenado que, depois da morte, se tornou uma espécie de santo, de memória venerada e túmulo respeitado” (FOUCAULT, 1987, p. 55).

As festas carnavalescas se tornaram um barril de pólvora para tumultos e confusões. O espetáculo feito para atrair o povo por meio do terror revestiu-se em uma reivindicação contra a injustiça, tanto nas expectativas para que houvesse o perdão, como também nas tentativas de impedimento da execução, como tirando o condenado das mãos do carrasco, perseguindo os executores, fazendo tumultos e chacoteando a nobreza. As formas de tortura e execução utilizados para extrair confissões dos acusados tanto de pequenos crimes quanto de delitos mais graves se tornou uma fonte de tumultos e violência que acabaram por incomodar determinados seguimentos sociais. “A execução pública é vista então como uma fornalha em que se acende a violência.”. (FOUCAULT, 1987, p. 13).

Na execução, os poderes eram ridicularizados e os criminosos transformados em heróis. Nos dias em que o condenado era levado ao cadafalso, o trabalho era interrompido, as tabernas ficavam cheias e o carrasco execrado com injúrias e palavrões. Feito como um espetáculo para atrair e aterrorizar, o suplício não mais provocava medo ou assustava o povo. Na verdade, era preciso conter a multidão e proteger as autoridades contra os insultos da população. O povo se divertia ao acompanhar o condenado ao local da punição, gargalhava das injúrias ditas contra as leis e contra as autoridades. No espetáculo da punição o centro das atenções se voltou

para o povo, atraído ao espetáculo como uma recusa ao poder de punir. “Seja como for, na Europa entre 1500 e 1800, os rituais de revolta efetivamente coexistiram como um sério questionamento da ordem social, política e religiosa.”. (BURKE, 2010, p. 275).

De acordo com Burke (2010), na visão dos reformadores, as festas se tornaram uma das principais oportunidades para os fiéis se envolverem em atividades pecaminosas, promotoras de vaidades e desperdício de tempo e de dinheiro. Em função de uma ética fundada na busca pelo autocontrole e sobriedade, uma das medidas mais assertivas foi o de expulsar os jogos das igrejas e dos cemitérios. Como o intuito de aperfeiçoá-los, os reformadores possuíam particular objeção contra as manifestações da religiosidade popular, com críticas a diversas formas de divertimento identificados como inadequadas ou pecaminosas. Por um lado, havia objeções tanto do catolicismo quanto do protestantismo contra resquícios de festas pagãs; por outro, protestantes mais ferrenhos consideravam muitas práticas da Igreja Católica como expressões de paganismo pré-cristão.

Burke (2010) explica que a oposição entre a Quaresma e o Carnaval é um antagonismo entre a cultura oficial da igreja e a cultura popular. Nessa disputa, o clero tomou a frente para promover substanciadas ações para sistematicamente modificar valores e atitudes da população. Os divertimentos populares se tornaram alvo de desconfiança por serem vistos pela elite religiosa como inúteis perda de tempo, tirando a atenção da população para uma vida regrada. Muitos costumes eram considerados reminiscências de práticas pagãs – o Carnaval por exemplo já foi comparado aos bacanaís romanos; fonte de pecado, de violência, indecências e vaidades – o futebol era um jogo assassino, e a crueldade com os animais uma brutal perversidade.

As festas populares foram questionadas e implicadas em diversas assertivas de mudança. Acusadas de ridículas por profanarem símbolos religiosos e da Sagrada

Escritura, as festividades colocavam em situações embaraçosas os membros da nobreza ou autoridades eclesiásticas, além de provocarem violência e tumulto. (BURKE, 2010). Para Minois (2003), o riso e a festa popular se tornaram um instrumento de ridicularização de certas funções e categorias sociais. As peças conduzidas por profissionais divulgavam ideias calvinistas e ataques religiosos ao papa, se tornando alvo de parte do clero que as viam como uma ofensa a santa igreja e fruto de uma maquinação diabólica.

Em um momento quando a Reforma já havia se firmando como uma divisão entre católicos e protestantes, para os primeiros, as mudanças deveriam promover suavizações, numa luta contra os excessos; os calvinistas, por sua vez, pretendiam eliminar da igreja tudo aquilo que representasse uma cultura papal. No lado católico, a obra “Filoteia ou Introdução à vida devota” de São Francisco de Sales (1567-1622) é exemplar das suavizações das recreações populares. Em defesa de uma vida modesta e regrada era preciso evitar que alma se compadecesse por coisas inúteis e pecaminosas, como é o caso dos jogos, dos bailes, das festas e dos teatros.

O perigo estava não na natureza dessas festividades, mas no modo como nos apegamos ou nos afeiçoamos a elas. A participação nos jogos pode ser uma prática correta desde que não abra portas para vaidades e vícios, quando se deixa de lado a verdadeira vida cristã, mas gasta-se energias em coisas não santas. Os divertimentos honestos e lícitos como passear, pescar ou conversar animadamente são capazes de promover o descanso do espírito e o apaziguamento da alma. Nos dos jogos deve-se valorizar aqueles em que a vitória é produto de uma habilidade espiritual ou corporal: “os jogos de bolas, de balões, de malhas, de argolinhas, o xadrez e as damas, todas essas recreações são em si honestas” (SALES, 2012, p. 252).

Em um ambiente para o apaziguamento do espírito, os jogos devem ser não apenas praticados, mas incentivados. Diversos motivos religiosos e econômicos levaram os puritanos a juntarem forças para impedir divertimentos de todas as naturezas. Além das festas ligadas à Igreja, por exemplo, Weber (2004) afirma que as autoridades puritanas fecharam teatros e impediram a abertura de novos para que as peças de Shakespeare não fossem encenadas. Em uma das notas de rodapé de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber cita “Lembremo-nos: as autoridades puritanas de Stratford-Avon fecharam o teatro da cidade, quando Skakespeare ainda era vivo (em Shakespeare, ódio e desprezo pelos puritanos não perdem a chance de se manifestas a cada passo de sua obra.)”. (WEBER, 2004).

Aversão Puritana ao Divertimento

De acordo com Weber (2004), o calvinismo de modo geral era bastante condescendente com alguns divertimentos, principalmente os aristocráticos, em um momento quando o riso deu lugar ao trabalho metódico. Há a ressalva de que não se deve gastar muito tempo nessas atividades para que não nos apeguemos demasiadamente a elas, o que promoverá fadiga e cansaço. Já os jogos de cartas e dados são condenados, pois dependem do acaso para a definição dos vencedores. Jogos e danças devem ser evitados quando esses se tornam motivo para exaltações.

Na Inglaterra, a reformulação dos divertimentos muito mais do que proibir o povo de se divertir propunha expurgar resquícios pagãos do cristianismo, o que se tornou uma aversão ao papa e aos símbolos católicos no cotidiano e na política. Segundo Maurois (1959), uma primeira petição do clero puritano, logo à chegada do Rei James I ao poder, foi o pedido de direito para cada clérigo decidir sobre o uso da sobrepeliz e a supressão de alguns rituais, como o sinal da cruz no batismo e a

genuflexão diante o altar. Sendo as festas populares predominantemente paroquias, enfrentá-las seria ao mesmo tempo combater os preceitos do catolicismo romano espalhados pela zona rural.

O calvinismo oriundo de Genebra entusiasmou classes médias em países como Itália, França, Alemanha, Inglaterra e até mesmo a Espanha, sendo posteriormente esmagado em diversos desses locais. O calvinismo produziu um novo tipo de homem: o puritano – com enorme influência na Inglaterra e depois na América. Os Puritanos acusavam os divertimentos de possuírem resquícios de festas pagãs - como o próprio Carnaval provindo dos bacanais romanos – além de desviarem os crentes de uma vida pautada na disciplina e na retidão. Em um momento quando as lutas políticas eram também religiosas, a assertividade puritana provocou mudanças nos estilos de vida e modos da população, inclusive ao que se refere aos jogos e divertimentos (CROMWELL, 1971).

Segundo Porter (1970), os puritanos buscavam a perfeição em todas as tarefas da vida cotidiana, na assertiva de eliminar toda e qualquer impureza da igreja. Na Inglaterra, o puritanismo por volta de 1560 era associado à subversão e inovação. Composto de diversos grupos de pessoas que utilizavam somente a Bíblia para orientar suas ações, se apresentavam como puros em suas atitudes e pensamentos. Preferiam se distanciar dos não crentes, particularmente os católicos romanos, por considerarem as ações do papa um abuso.

De acordo com Gleason; Kapic (2004), o puritanismo é um movimento dissidente composto por diversas denominações – presbiterianos, batistas, congregacionais e independentes – provenientes das disputas pelo poder na Inglaterra, França e Holanda dos séculos XVI e XVII. Se refere à um conjunto de denominações protestantes, principalmente as de cunho calvinista, e apesar de possuir características

particulares são individualmente convictos de que foram pessoalmente escolhidos e eleitos por Deus e por isso devem levar uma vida de piedade visível. Como modelo de sociedade cristã, o puritanismo se tornou menos uma doutrina e mais uma atitude de homens que procuravam purificar a igreja das influências católico-romanas.

O puritano é o homem do trabalho. Do trabalho metódico, incansável, consciencioso. Tôdas as famílias das seitas calvinistas que se multiplicam pela Europa acumulam bens resultante de uma vida sóbria e econômica, da atividade contínua no comércio, no artesanato, na agricultura. Famílias operosas que dirigem seus teares, barcos e lojas, acumulando dinheiro. Não para gastá-lo mas para reinvestí-lo em trabalho que criará novo dinheiro. Porque trabalho é destino que Deus deu ao homem (CROMWELL, 1971, p. 704).

Os puritanos eram particularmente conhecidos como aqueles que tinham aversão à alegria, pois abominavam a poesia sensual italiana, reprovavam o teatro e a jovialidade mediterrânea. Seus adeptos formavam pequenos grupos familiares que agiam a partir de suas orações e da sua predisposição para a leitura da Bíblia e para o trabalho. Os bens adquiridos e acumulados por meio de uma vida austera e dedicada era conseguida por meio do comércio, agricultura e artesanato. “Um rigor demasiadamente severo arriscava a afastar as almas da religião; os desportos eram úteis à saúde do corpo e preparavam os homens para a guerra. Essa declaração causava horror aos puritanos” (MAUROIS, 1959, p. 258).

Segundo Zumthor (1989) em 1651, a Igreja Calvinista Reformada tomou o status de Igreja de Estado, fruto mais do apaziguamento entre as lideranças religiosas do que de violentos conflitos políticos. Como todos os sermões dos calvinistas, os holandeses legislavam particularmente sobre os costumes públicos e privados. Diferente da Inglaterra, na Holanda, a fé renovada era a fé do povo, desprovida de misticismo e tolerante à convivência com os católicos, mesmo estes sendo vistos, e por eles mesmos sendo reconhecidos, como cidadãos de segunda classe.

Na Holanda, a tradição popular manteve as quermesses ao invés das festas dos santos padroeiros. Mesmo com objeções da Igreja Renovada para que este tipo de comemoração não se mantivesse, as festas estavam incorporadas na cultura popular. A cultura pacífica da Holanda fez com que grupos de diversas denominações pudessem sobreviver em harmonia, inclusive com os católicos. As quermesses eram uma forma laicizada e impregnada na tradição popular, onde a nobreza europeia participava e se juntava com a população. As quermesses aconteciam nas praças e nas ruas, onde tendas eram montadas para comerciantes exporem suas mercadorias e os promotores de diversão entreterem os visitantes. Somente os puritanos não participavam dessas festas, como também muitos burgueses que não se sentiam muito à vontade de ficar próximos dos camponeses. No século XVI, o burguês era parte do povo, mas seu interesse estava no comércio e nos negócios. Os burgueses admiravam e buscavam o estilo de vida aristocrático, sendo que os próprios nobres começaram a abandonar as quermesses por influência dos burgueses, a nova classe em ascensão com recente poderio econômico. (ZUMTHOR, 1989).

No século XVII, a Reforma e a Contrarreforma já eram movimentos consolidados, e os puritanos reconhecidos como força política e econômica e como representantes de uma nova tradição. Enquanto na Holanda as quermesses eram a principal preocupação da Igreja Renovada, na Inglaterra os puritanos chegaram ao poder depois de conturbadas disputas internas entre as classes favoráveis ao parlamento e outras fiéis aos bispos anglicanos e à monarquia. De acordo com Maurois (1959), uma das formas que o rei encontrou para enfrentar os puritanos ocorreu pela publicação do *Book of Sports*. Os puritanos muito se incomodaram em 1617 e 1618 quando o monarca inglês James I publicou um ordenamento – acrescentado de um adendo em 1633 pelo Rei Carlos I – o qual acusava os puritanos de proibir as diversões, tidas como corretas,

justas e a única oportunidade de divertimento do povo que se esforçava para ganhar a vida durante toda a semana. Depois cumprirem todas as obrigações com a igreja não haveria restrições para jogos que não perturbassem a paz ou não causassem violência.

O *Book of Sports* também conhecido como *Declaration of Sport* é um documento publicado durante uma conturbada disputa política entre os católicos romanos, puritanos e a Igreja Anglicana, oficial do Estado. Durante a visita ao pequeno condado de Lancashire o Rei James I recebeu uma petição da população local a favor dos divertimentos aos domingos e dias santos, em oposição ao que exigiam os puritanos locais; no ano seguinte a declaração para Lancashire foi estendida para todo o país.

De acordo com Maurois (1959), em um momento quando disputas religiosas eram ao mesmo tempo políticas, uma conturbada guerra civil tendo como pano de fundo perseguições religiosas foi vencida sob o comando da cavalaria puritana em favor do parlamentarismo. O líder puritano Oliver Cromwell (1599-1658), apoiado pela treinada e disciplinada cavalaria, os *Ironsides*, se tornou Lorde Protetor da Inglaterra. O ano de 1648 foi chamado de “Ano primeiro da liberdade restaurada pela benção de Deus” e se refere à data quando o Parlamento Inglês decretou a monarquia como onerosa e inútil para o bem-estar da população. Durante o governo dos puritanos progressivamente foi imposta em todo o país a disciplina austera: os teatros e botequins foram fechados, os atores ambulantes foram presos e os jogos das aldeias proibidos. O que surgiu foi uma Londres triste e infeliz sem os seus prazeres:

Durante o governo dos Puritanos, a vida tanto quanto eles a podiam regular foi assaz triste. Proíbiam os prazeres prediletos dos ingleses: o teatro, as corridas de cavalo, as brigas de galos. Acabaram-se as casas de jogo e os bordéis. Aos domingos, percorriam as ruas patrulhas que obrigavam a fechar as tavernas. Todos deviam passar esse dia no meio da família, lendo as escrituras, cantando salmos. Aos domingos na cidade de Londres só se ouvia “o som das preces ou dos cânticos que saía das igrejas”. Em 1644, o Parlamento proibiu no dia do sabbat, vender comestíveis, viajar, transportar fardos, tocar sinos, atirar ao alvo, abrir mercados, botequins, casas de dança, praça de desportos,

sob pena de multa de cinco *shillings* para cada pessoa acima de quatorze anos (MAUROIS, 1959, p. 287).

De acordo com Weber (2004), era preciso eliminar tudo aquilo que invocasse a diversão, o vício ou o ócio, e apegar-se a uma disciplina devota aplicada em todas as questões da vida cotidiana. Dentre os comportamentos pecaminosos estavam aqueles ligados à conduta econômica como extorsão e suborno; alguns outros como a bebedeira, as blasfêmias, as feitiçarias e adivinhações também eram condenados. Os provocadores e portadores de desafios, as pessoas que dançavam, jogavam e assistiam peças em dias sagrados poderiam ser presas por causas dessas atividades.

A constituição de novos valores pautados no trabalho, na sobriedade e moderação foram fundamentais para estabelecer uma distância entre as classes, como também dos bêbados, vagabundos e preguiçosos (HOBBSAWM, 1983). A embriaguez dos jogos devia ser substituída pelas virtudes morais como o amor, a alegria, a confiança, o deleite em Jesus e a completa submissão. Era preciso aprender a dominar as paixões e controlar a rebeldia, tornar-se obediente e cordial. O trabalhador inglês se tornou disciplinado e metódico, menos violento e sedentário. As atividades de lazer – as diversões dos pobres – foram consideradas impróprias e indignas, típicas dos transgressores do *sabbath* (vagabundos, funileiros, ambulantes, dançarinos e acrobatas, os cantores de baladas, livre-pensadores e banhistas nus) (THOMPSON, 1987).

A ascensão dos puritanos como força política no parlamento marcou a vida cotidiana dos ingleses, e mesmo aqueles que não professavam essa fé, mantiveram sua austeridade (MAUROIS, 1959). Gradativamente tentativas de reforma também se tornaram esforços conjuntos de modificação dos hábitos e costumes da população, numa tentativa de modificar a maneira como as pessoas se divertiam. De acordo com

Weber (2004), a moralidade puritana idealizou a disciplina como uma vontade imposta por Deus, a qual exige trabalho e oração acompanhados por vigilância moral.

Concluindo: o Propósito Racional

Chegamos ao momento de encerrar o divertimento. A festa acabou. Não há mais lugar para aqueles que não desejam trabalhar e fazer do seu próprio trabalho uma forma de louvar ao Senhor. Além de inspirações religiosas e aspirações políticas, os puritanos era homens de negócio. Para Weber (2004) a vocação expressa no trabalho árduo e na divisão social em especialidades tornou-se moralmente permissível e altamente recomendada para o desenvolvimento do espírito cristão, e tudo aquilo que não possuísse qualquer valor religioso imediato deveria ser descartado. Era preciso romper, por um lado, com as barreiras do cristianismo medieval e, por outro, com a própria resistência de denominações protestantes para com um subentendido culto ao corpo, presente na valorização dos divertimentos. Os jogos com suas apostas eram um passatempo inútil, ligado mais ao ócio do que ao trabalho. Os jogos deveriam promover a restauração da força física, em uma oportunidade para os providos de fé pudessem comprovar sua qualificação religiosa. A ética puritana abrangeu a participação em jogos não como uma forma de divertimento, mas como uma ferramenta contra os vícios da vida moderna e a degeneração moral da sociedade.

Diante disso, os puritanos defendiam sua peculiaridade mais decisiva: o princípio da conduta de vida ascética. Na verdade, aliás, a aversão do puritanismo ao esporte não era uma questão simplesmente de princípio, mesmo entre os *quakers*. Apenas devia servir a um fim racional: necessária restauração da potência física. Já como simples meio de descontrair e descarregar impulsos indisciplinados, aí se tornava suspeito e, evidentemente, na medida em que fosse praticado por puro deleite ou despertasse fissura agonística, instintos brutais ou o prazer irracional de apostar, é evidente que o esporte se tornava pura e simplesmente condenável. O gozo *instintivo* da vida que em igual medida afasta do trabalho profissional e da devoção era, exatamente enquanto tal, inimigo da ascese racional, quer se apresentasse na

forma de esporte “grã-fino” ou, da parte do homem comum, como frequência a salões de baile e tabernas (WEBER, 2004, p. 262).

A Reforma Protestante não eliminou o controle da igreja sobre os padrões de conduta, mas houve mudança no exercício da autoridade, passando de uma regulação tênue e sutil para outra opressiva e severa. A ausência de um propósito racional tornava os jogos um estímulo para os prazeres da vida; um desvio e uma ofensa que afastava os crentes de glorificarem a Deus em todas as suas ações. A moralidade se exercia por uma ética do trabalho que eliminava tudo aquilo que não possuísse um valor religioso. O trabalho se tornou uma prática ascética fundamental, sendo necessário realizá-lo com dedicação e vigor (WEBER, 2004; TAWNEY, 1971).

Laborare est orare. A antiga máxima é repetida pelo moralista puritano com nova e mais intensa significação. O trabalho que êle idealiza não é simplesmente um requisito impôsto pela natureza, ou um castigo pelo pecado de Adão. É em si próprio um tipo de disciplina ascética, mais rigorosa do que a exigida por qualquer ordem de mendicantes – uma disciplina imposta pela vontade de Deus, e a ser suportada não em solitude, mas na desincumbência pontual dos deveres seculares. Não é simplesmente meio econômico, a ser pôsto de lado quando satisfeitas as necessidades físicas. É um fim espiritual, pois apenas nêle a alma pode encontrar saúde, e cumpre continuá-lo como dever ético muito depois de deixar de ser necessidade material (TAWNEY, 1971, p. 229).

O mundo puritano contrasta com a ideia de uma Europa medieval, cujas festas religiosas possuíam um aspecto público e popular, quando os ritos e espetáculos cômicos com seus risos carnavalescos e festivos, alegres e cheios de alvoroço, sarcásticos e burlescos constituíam no riso uma oposição à seriedade eclesiástica oficial. No caso do ascetismo puritano, as objeções morais ao desfrute da vida eram sintomas de uma ética do trabalho, em que a perda de tempo era vista como um pecado funesto.

A ascensão dos puritanos como força política no parlamento marcou a vida cotidiana dos ingleses, e mesmo aqueles que não professavam essa fé, mantiveram sua

austeridade (MAUROIS, 1959). Os puritanos deixaram marcas duradouras na sociedade inglesa. Nas interpretações do processo civilizador (DUNNING; SHEARD, 1979), o domínio da conduta se tornou mais rigoroso e os divertimentos cada vez mais contidos refinados. O surgimento de um governo parlamentar na Inglaterra no decurso século XVIII é concomitante à suavização dos costumes e ao apaziguamento dos conflitos nos jogos e nas disputas políticas. A moderação da violência nos passatempos ocorreu em um momento de transição política, quando foi preciso “saran as feridas, moderar a desconfiança, o medo e ódio causado pela revolução puritana.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 52).

A fé puritana se expressa na racionalização metódica das condutas, de modo a constituir uma moralidade da vida cotidiana. Diversos divertimentos foram taxados de indignos e indecorosos, e deixaram de ser praticados pelo padre, que se tornou mais educado e distante do seu rebanho; pela nobreza que havia adotado maneiras mais polidas de comportamento; pela burguesia, que se esforçavam para serem identificados como aristocratas. Os divertimentos gradativamente perderam sua ligação com o riso, com o grotesco e com o baixo corporal e passaram a fazer sentido somente quando vinculados aos propósitos religiosos e econômicos. As tentativas de reforma fizeram com que práticas e atitudes fossem gradativamente questionadas e abandonadas pelo clero, nobreza e burguesia. Essas três classes possuíam interesses em deixar de lado tudo aquilo que se referisse ao povo: o clero passou por um abalo pelo movimento da Reforma e Contra-reforma e pela perda de seu poderio político e econômico; a nobreza passou a se sentir ameaçada pela decapitação de toda a família real francesa em 1789; a burguesia possuía interesses econômicos vinculados mais ao trabalho do que à diversão.

Em prosseguimento o que temos é o crescente interesse da burguesia com a educação dos seus filhos, o que promoveu na Inglaterra a ascensão do *public school*

system cuja característica principal é o oferecimento de uma educação prática em que os jogos possuem a função primordial de formar o caráter masculino e cristão.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. **História social da família e da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BAKTHIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2013.
- BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CROMWELL: 1599-1658. São Paulo: Abril Cultural, 1971. (Coleção Grandes Personagens da História, v. 03).
- DEFOE, Daniel. **Um diário do ano da peste**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.
- DUNNING, Eric; SHEARD, Kenneth. **Barbarian, gentlemen and players**: a sociological study of the development of rugby football. Oxford: Martin Robertson, 1979.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Em busca da excitação**. Difel: Lisboa, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, Michel. **Arte, epistemologia e história da medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 402-424.
- GLEASON, R. C.; KAPIC, K. M. Who were the puritans?. In: GLEASON, R. C.; KAPIC, K. M. (Ed.) **The devoted life**: an invitation to puritan classics. Illinois: Intervarsity Press, 2004, p. 15-37. Disponível em: <https://www.monergismbooks.com/pdfs/devotedlife1.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2011.
- HOBBSAWM, Eric. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- HELIODORA, Barbara. Introdução. In: SHAKESPEARE, Willian. **Macbeth**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HUGO, Victor. **O corcunda de notre-dame**. São Paulo: Martins Claret, 2006.

MAUROIS, André. **História da Inglaterra**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1959.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2010.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PORTER, Harry Culverwell. **Puritanism in Tudor England**. Glasgow: University Press, 1970.

RABELAIS, François. **Gargantua**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**: do homem primitivo aos dias atuais. São Paulo: Ibrasa, 1982.

SALES, Francisco de. **Filoteia ou introdução à vida devota**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SIMON, Edith. **A reforma**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971.

SOARES, Carmém Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

STRUTT, Joseph. **The sports and pastimes of the people of England**. Detroit: Singing Tree Press, 1963.

TAWNEY, R. H. **A religião e o surgimento do capitalismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa II**: a maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **A Holanda no tempo de Rembrandt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Endereço do Autor:

Quéfren Weld Cardozo Nogueira
Rua Dr. Iolando Vieira de Melo, 245/303
Bairro Atalaia
Aracaju - SE – 49.036-190
Endereço Eletrônico: ufsquefren@gmail.com